

As denominações da crise econômica mundial no entrecruzamento da Economia e da Medicina

Terminological naming of the world economic crisis in the intertwining of Economics and Medicine

Ieda Maria Alves*

Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil

Resumo: Este trabalho apresenta alguns resultados referentes ao desenvolvimento do Projeto *Valores culturais e didáticos na metáfora de especialidade: as múltiplas imagens da crise econômica mundial na imprensa escrita*, que está sendo desenvolvido no âmbito do Programa Capes-DGPU, um programa de cooperação estabelecido entre o Brasil e a Espanha com a finalidade de apoiar o intercâmbio e a pesquisa entre pesquisadores e pós-graduandos de universidades brasileiras e espanholas. Com base no *corpus* jornalístico estabelecido no seio desse projeto, enfatizamos, nesta exposição, as relações entre a Economia e a Medicina. Essas relações, estabelecidas por meio de metáforas e outras figuras, vão mostrando como as duas ciências apresentam intersecções, que se refletem nas denominações da crise econômica mundial.

Palavras-chave: Neologismo. Crise econômica mundial. Medicina. Metáfora.

Abstract: This paper presents some results concerning the Project *Cultural and educational values in specialized metaphor: multiple images of the world economic crisis in print media*, which is being developed under Capes-DGPU Program, a cooperation program established between Brazil and Spain in order

* Professora do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo; iemalves@usp.br.

to support exchange and research among researchers and post-graduate students from Brazilian and Spanish universities. Based on the *corpus* of journalistic texts constituted within this project, we emphasize, in this paper, the relations between Economics and Medicine. These relations, established through metaphors and other figures, show how these two sciences establish intersections, which are reflected in the terminology of the world economic crisis.

Keywords: Neologism. World economic crisis. Medicine. Metaphor.

1 INTRODUÇÃO

O Projeto *Valores culturais e didáticos na metáfora de especialidade: as múltiplas imagens da crise econômica mundial na imprensa escrita* está sendo desenvolvido, no Brasil, por uma equipe da Universidade de São Paulo em associação com docentes da Universidade Estadual de Maringá e da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (campus de Araraquara) e, na Espanha, por uma equipe de pesquisadores da Universidade de Vigo, coordenados pela Profa. Iolanda Galanes Santos.

O projeto procura contribuir para o estudo contrastivo da terminologia da Economia no português brasileiro e no espanhol europeu no que tange à crise econômica mundial iniciada em 2007, nos Estados Unidos, e suas repercussões na imprensa escrita do Brasil e da Espanha. Tem como objetivo o estudo morfológico, conceptual e semântico comparado dessa crise econômica, com base nos neologismos que têm sido criados para denominá-la, tanto os de caráter formal como também os que são representados por metáforas ou outras figuras. Procura-se, assim, observar os aspectos convergentes e divergentes que caracterizam a neologia criada nas duas variedades linguísticas, o português brasileiro e o espanhol europeu, que é expressa por meio de neologismos que muitas vezes apresentam o mesmo tipo de formação mas, não raro, são também nomeados de maneiras distintas. Particularmente interessante é a observação das diferenças culturais e as divergentes perspectivas adotadas na neologia expressa por meio de imagens ou figuras como a metáfora, a mais frequentemente utilizada, mas também por meio de outros recursos figurados como a metonímia e a hipérbole.

Os resultados deste estudo convergem para a elaboração de um dicionário, o *Dicionário da crise econômica mundial*, o DiCEM, que será, após sua finalização, disponibilizado *on-line* sob forma de base de dados.

2 METODOLOGIA

O *corpus* bilíngue português-espanhol – de caráter comparável, conforme TAGNIN (2007) –, que serve de base para este estudo, abrange, em cada língua, dois jornais de grande circulação e de informações gerais e um jornal especializado em Economia, publicados no Brasil e na Espanha. No que concerne ao português brasileiro, foram adotados os dois jornais de maior circulação no território brasileiro, *Folha de S. Paulo* (FSP) e *O Globo* (OG), e também *Valor Econômico* (VE), como jornal específico da área da Economia.

Desse *corpus* foram extraídas as notícias concernentes à crise econômica mundial publicadas uma vez por semana, às 6.^{as} feiras, durante o período de agosto de 2007, que marcou o início da crise mundial estudada, até dezembro de 2013. O período mencionado permitiu a análise de matérias recolhidas em 332 (trezentos e trinta e dois) exemplares de cada um dos três jornais considerados, que correspondem a um total de 996 (novecentas e noventa e seis) edições¹. Permitiu, assim, a observação da evolução dessa crise – e dos neologismos que a denominam –, cujo início é atribuído à falência de um dos maiores bancos de investimento dos Estados Unidos, o Lehman Brothers, no dia 15 de setembro de 2008, em razão da crise no mercado de crédito imobiliário de alto risco, conforme atesta um exemplo extraído do *corpus* constituído:

Há três anos, em janeiro de 2008, teve início um longo período em que a volatilidade dos preços dos principais ativos financeiros fugiu dos padrões históricos anteriores. Como sempre ocorre em eventos como esse, foi um drama pessoal que gerou a faísca que acabou incendiando um ambiente dominado pela especulação sem controle. A descoberta de uma perda gigante – mais de US\$ 4 bilhões – no banco francês Société Générale gerou uma crise de confiança no sistema bancário dos países desenvolvidos que culminou com a quebra do banco Lehman Brothers nos EUA. A crise bancária que se seguiu fez com que as economias de todo o mundo mergulhassem no vazio de uma recessão econômica só vista nos anos 30 do século passado. <FSP_25/02/2011_B11_MER_BARROS LUIZ CARLOS MENDONÇA DE>

¹ Outras informações sobre o *corpus* e a metodologia empregada podem ser consultadas em Galanes Santos e Alves (2015).

Esse rico material jornalístico, processado pelo programa Wordsmith Tools 6.0, forneceu, para o *corpus* brasileiro, um total de 6 258 416 (seis milhões e duzentas e cinquenta e oito mil e quatrocentas e dezesseis) palavras enunciadas (*tokens*), correspondentes a 666 23 (seiscentas e sessenta e seis mil e vinte e três) palavras diferentes (*types*).

Consideramos neológicas as unidades lexicais que não integram a *Base de termos da Economia*, uma base de dados que apresenta 4 794 (quatro mil setecentos e noventa e quatro) termos da área da Economia e seus respectivos contextos, dentre outros campos, coletados em jornais brasileiros de grande circulação desde o final da década de 1980. Complementarmente a essa base de dados, consideramos também, como *corpus* de exclusão, os jornais constituintes do *corpus* brasileiro publicados anteriormente ao período analisado².

Dentre as inúmeras possibilidades de análise que nos oferecem os dois *corpora* constituídos, o do português brasileiro e o do espanhol europeu, este estudo dedica-se a analisar os neologismos da crise econômica mundial, no português brasileiro, que expressam o entrelaçamento da Economia com a Medicina.

3 AS RELAÇÕES ENTRE AS CIÊNCIAS E O EMPREGO DE METÁFORAS

As intersecções entre ciências podem ser observadas em diferentes gêneros textuais. Empregadas especialmente em textos de divulgação científica, não estão ausentes dos textos especializados e são comumente empregadas em textos jornalísticos, em matérias sobre esportes, educação, fatos científicos e econômicos. Em função do mecanismo da comparação, essas intersecções representam uma fonte de neologismos constituídos por metáforas e outras figuras. Como nos lembra Canolla (2000), a metáfora é um recurso onipresente, inclusive nos textos científicos:

/.../ a metáfora não é propriedade exclusiva de poetas. Se estudarmos textos científicos, jornalísticos, técnicos e mesmo a fala cotidiana, vamos encontrar enunciados metafóricos que nem sempre são percebidos como tais pelos interlocutores. (Canolla, 2000, p. 56)

² Outras informações sobre o *corpus* e a metodologia empregada podem ser consultadas em Galanes Santos e Alves (2015).

Esse recurso às imagens ou figuras, especialmente as metáforas, presente nos textos científicos ou na forma de expressão dos cientistas, é observada por vários autores.

Em seu estudo sobre a língua francesa empregada nos textos técnico-científicos, Kocourek (1991) enfatiza que o emprego figurado, presente no discurso das ciências e das técnicas, e ainda nos sistemas semióticos utilizados nas ciências, não apresenta incompatibilidade com a busca de precisão que caracteriza as terminologias (p. 167).

Gibbs (1994), em referência específica à metáfora, aponta que essa figura se revela particularmente importante nas ciências, cumprindo a finalidade de:

- expressar ideias complexas, dificilmente explicadas de maneira literal (a hipótese da inexpressibilidade);
- compactar o discurso, haja vista alguns enunciados não poderem ser sucintamente desenvolvidos literalmente (a hipótese da compactabilidade);
- capturar a intensidade de nossas experiências fenomenológicas, invocando imagens mentais sobre determinado acontecimento (a hipótese da intensidade). (Gibbs (1994), apud Oliveira, 2011, p. 164)

A esse respeito citamos também Oliveira (2015), que, em estudos relativos à Cardiologia, procura responder se a metáfora, sendo um recurso retórico, representa um problema nas ciências. Conclui que, no discurso científico, a metáfora constitui uma comparação abreviada e subentendida, pela qual se designa um objeto por um nome que convém propriamente a outro graças a analogias de forma, de cor, de conteúdo, de sonoridade... Assim, a metáfora terminológica, como a autora denomina a metáfora empregada nas ciências, exerce, no discurso científico, uma função mais heurística do que poética ou retórica. Com base nas conclusões de seu estudo sobre as metáforas na Cardiologia, Oliveira observa que:

/.../ a influência criadora da metáfora é necessária e permanente e, sem ela, a quase-totalidade de nossa vida mental seria destruída. É conveniente sublinharmos o poder criador das metáforas. Elas constituem um dos

principais atores da cognição humana, inclusive nas ciências³. (Oliveira, 2015, p. 279)

Na Economia, área em que se observa o emprego de vários recursos retóricos, especialmente os de caráter metafórico, estudos baseados em diferentes abordagens têm se dedicado a mostrar como a linguagem econômica serve-se desses recursos. Citamos alguns desses trabalhos.

Charterys-Black e Ennis (2001) apresentam, com fins didáticos, um estudo comparativo sobre as metáforas empregadas em dois *corpora*, compostos de relatórios financeiros redigidos em inglês e espanhol. Também com base em dois *corpora* – um representativo da comunicação entre especialistas e outro, que resulta da comunicação entre especialistas e leigos –, Ramacciotti e Rodil (2006) redigiram um glossário bilíngue inglês-espanhol com termos metafóricos da Economia, exemplificados em inglês. Sardinha apresenta várias metáforas da Economia na obra *Metáfora* (2007).

4 ECONOMIA E MEDICINA, DUAS CIÊNCIAS ENTRELAÇADAS

A Economia constitui uma ciência muito presente na vida cotidiana dos cidadãos e, por essa razão, está representada não apenas nos cadernos de Economia específicos dos grandes jornais, mas também em todas as seções (Política, Esportes, Ciência, Cotidiano...) dos jornais que analisamos. Como consequência, não raro observamos definições de termos dessa ciência, que procuram explicitar o conceito de um termo para leitores não especializados. Dois exemplos do *corpus* constituído ilustram essa busca de explicitação por meio dos termos *flippagem* e *home broker*, que são seguidos de enunciados definitórios, a “gíria dos pequenos investidores para a operação que consiste em entrar na oferta, embolsar um ganho rápido e vender os papéis em seguida” e o “sistema de negociação via internet que permite efetuar operações instantaneamente”, respectivamente⁴:

³ “/.../ l'influence créatrice de la métaphore est nécessaire et permanente et que sans elle la quasi totalité de notre vie mentale s'écroulerait. Il convient de souligner la puissance génératrice des métaphores. Elles sont l'un des ressorts principaux de la cognition humaine y compris en science.”

⁴ Em Alves (2014), estudamos essa explicitação definitiva como uma das características da difusão da terminologia da Economia, pois a definição, ou mesmo a apresentação de um traço definitório do termo, informam o leitor sobre o conceito desse termo.

Na oferta de ações do Santander, os correntistas do banco foram beneficiados com direito de preferência em caso de rateio dos papéis. O que alguns clientes não sabem é que terão de se submeter a uma restrição operacional, capaz de inviabilizar eventual “**flippagem**”, a gíria dos pequenos investidores para a operação que consiste em entrar na oferta, embolsar um ganho rápido e vender os papéis em seguida. Esses clientes terão de efetuar suas vendas e compras por telefone na mesa de operações das corretoras de Real ou Santander, o que pode demorar algum tempo. Ou seja, não terão acesso à comodidade do “**home broker**”, o sistema de negociação via internet que permite efetuar operações instantaneamente. No segundo dia, porém, a ação estará no “home broker”, que funcionará normalmente. <FSP_02/10/2009_MER_TONI SCJARRETTA >

Uma ciência também muito presente na vida cotidiana dos cidadãos, com a qual a Economia estabelece um diálogo constante, é a Medicina.

Ainda que vinculadas a diferentes áreas do conhecimento – a Medicina às Ciências da Saúde e a Economia às Ciências Sociais Aplicadas –, as duas ciências expressam em comum o fato de ambas serem muito presentes na vida cotidiana, como já acentuamos, e por serem de grande importância para todos os indivíduos. Não por acaso estão entrelaçadas na valsa *Fim de Ano*, de autoria de David Nasser e Francisco Alves, que celebra a chegada do Ano Novo e é cantada pelos brasileiros na passagem do ano velho para o ano que está nascendo:

Adeus, Ano Velho
Feliz Ano Novo
Que tudo se realize no ano que vai nascer:
Muito dinheiro no bolso,
Saúde prá dar e vender. /.../

Assim, “dinheiro no bolso” e “saúde prá dar e vender” representam os desejos dos brasileiros, tanto para eles mesmos como para a família e os amigos.

4.1 Economia e Medicina nas estruturas morfológicas

Nos textos que estudamos, desse entrelaçamento entre as duas ciências ressalta a preocupação, o cuidado que se deve ter com as finanças de um cidadão,

de uma instituição, de um país, usualmente expresso pelo termo sintagmático e metafórico *saúde financeira*. Desse modo, o termo *saúde*, que, aplicado em seu sentido estrito designa o “estado de equilíbrio dinâmico entre o organismo e seu ambiente, o qual mantém as características estruturais e funcionais do organismo dentro dos limites normais para a forma particular de vida (raça, gênero, espécie) e para a fase particular de seu ciclo vital” (Houaiss, 2012), passa a aplicar-se também ao equilíbrio das finanças de diferentes entidades ao ser especificado pelo adjetivo *financeiro*.

No excerto a seguir, são apresentados dados sobre a saúde financeira de bancos da União Europeia:

Quando a Autoridade Bancária Europeia (ABE), supervisora do setor bancário da UE, testou 91 bancos em um cenário econômico sob tensão – inclusive rebaixamentos da classificação de crédito de dívidas soberanas – nove foram reprovados e orientados a levantar mais capital até o fim de dezembro. As 16 instituições /próximas do limiar de aprovação/ saíram dos testes com uma proporção básica de capital nível 1 – indicador fundamental de **saúde financeira** – de 5% e de 6%. A nota mínima para aprovação era 5%. A ABE tinha dado aos bancos prazo até abril de 2012 para a adoção de planos para reforçar seus amortecedores de capital. <VE_23/09/2011_0_FIN_MASTERS_BROOKE>

O termo *saúde financeira*, que sintetiza as estreitas relações entre a Medicina e a Economia, apresenta em sua estrutura, como primeiro componente, um termo da Medicina, o substantivo *saúde*, em uso metafórico.

O segundo componente, o adjetivo *financeiro*, não qualifica o substantivo *saúde*; ao contrário, especifica esse substantivo, ao qual se refere. Tais adjetivos, que têm recebido diferentes denominações, serão neste trabalho denominados classificadores ou classificatórios, de acordo com a terminologia empregada por Neves (2000, p. 184-219). Segundo a autora:

Esses **adjetivos** colocam o **substantivo** que acompanham em uma subclasse, trazendo em si uma indicação objetiva sobre essa subclasse. Eles constituem, pois, uma verdadeira denominação para a subclasse e, portanto, são

denominativos, e não **predicativos**, possuindo um caráter não-vago /.../ (Neves, 2000, p. 186)

Os adjetivos classificadores comumente apresentam uma correspondência com sintagmas nominais constituídos por de+nome, que representam uma locução adjetiva. Observa-se, não raro, uma concorrência entre esses adjetivos e as correspondentes locuções adjetivas, a exemplo de *econômico/ da economia*, *financeiro/ das finanças*, *cambial/ do câmbio*, que integram as denominações *crise econômica*, *crise financeira*, *crise cambial* e respectivas variantes morfológicas *crise da economia*, *crise das finanças*, *crise do câmbio*.

Dentre as diferentes funções exercidas por esses adjetivos, especificadas por Neves – delimitação ou circunscrição, localização no espaço e no tempo, quantidade de tempo transcorrido, substituição no tempo e aspecto –, a função de delimitação ou circunscrição é a mais observada nos termos sintagmáticos ou polilêxicos. Ao exercer essa função, o adjetivo restringe ou circunscreve o domínio de extensão do que é referido pelo nome substantivo. É essa restrição ou circunscrição que possibilita que reconheçamos, como termos empregados no âmbito da Economia, as formações mencionadas. Desse modo, o papel dos adjetivos classificadores (ou das respectivas locuções adjetivas) *econômico/ da economia*, *financeiro/ das finanças*, *cambial/ do câmbio* é fundamental nesse reconhecimento, possibilitando que termos como *crise econômica* ou *crise da economia*, *crise financeira* ou *crise das finanças*, *crise cambial* ou *crise do câmbio* sejam utilizados no discurso da Economia.

A observação quantitativa de algumas dessas formações, no *corpus* estudado, revela que a variante adjetival é muito mais frequente do que a variante de+nome⁵:

Tabela 1 – Variação entre adjetivo e locução adjetiva no sintagma nominal e respectivas frequências

Variante	Frequência	Variante	Frequência
colapso econômico	10	colapso da economia	06
crise econômica	694	crise da economia	04
crise financeira	1 414	crise das finanças	01
crise cambial	35	crise do câmbio	0

⁵ Essa constatação reforça o que já verificamos em outro *corpus* jornalístico referente à terminologia da Economia, a Base de termos da Economia, já mencionada.

Verificamos, assim, que do entrelaçamento entre a Economia e a Medicina resultam termos em que o elemento determinado do sintagma nominal corresponde ao termo emprestado da Medicina, em uso metafórico, e o elemento determinante, de caráter adjetival, refere-se à área da Economia. Essa estrutura, sem ser rígida, é predominante em textos da Economia, conforme apontamos em estudo anterior (Alves, 2001)⁶.

4.2 Economia e Medicina nas relações conceptuais

As denominações da crise econômica mundial que refletem o entrelaçamento entre a Medicina e a Economia são representadas por várias imagens ou figuras, especialmente as metáforas, as que abordaremos neste trabalho.

Sabemos que as metáforas têm sido estudadas há muitos séculos. No mundo ocidental, atribui-se a Aristóteles (séc. IV a.C.) a primeira menção à metáfora, que, em sua obra *Arte Poética*, é definida como a transposição do nome de uma coisa para outra. Desde então, vários autores e várias teorias têm abordado o fenômeno da metáfora (cf., por exemplo, Sardinha, 2007).

Os empregos do *corpus* estudado resultantes do cruzamento entre as ciências enfocadas revelam que a crise econômica mundial atua como um corpo humano, que nem sempre está são, pois adoece, passa por vários problemas de saúde e necessita de cuidados médicos. Em função dessa atuação, podem ser descritos de acordo com os pressupostos da teoria da metáfora conceptual, apresentada pelos americanos Mark L. Johnson e George Lakoff no clássico *Metaphors we live by* (1980), cuja tradução brasileira de Zanotto et al. (2002) é *Metáforas da vida cotidiana*. Dessa teoria destacamos apenas os fundamentos essenciais para a compreensão de algumas denominações da crise econômica mundial.

⁶ Em Alves (2001), apresentamos exemplos, de diferentes áreas, que representam o elemento determinado e metafórico do sintagma nominal. Nessas formações, o elemento determinante refere-se à área da Economia: *âncora* (da terminologia da Marinha) *fiscal*, *monetária*, *cambial*; *ataque* (da terminologia bélica) *especulativo*; *paraíso* (da terminologia religiosa) *fiscal*.

Uma variação interessante em relação à posição do termo metafórico é observada nos termos *flutuação cambial* e *câmbio flutuante*, em que a metáfora da oscilação ora é empregada sob forma de um substantivo, para designar o processo (*flutuação cambial*), ora para designar o produto, em função adjetival (*câmbio flutuante*).

Para Lakoff e Johnson, a conceptualização da realidade é própria aos seres humanos. A metáfora conceptual, baseada nos princípios da Semântica Cognitiva, representa uma forma de conceitualizar um domínio de experiência em termos de outro. Assim, A CRISE É UMA DOENÇA⁷ estabelece relações entre dois domínios, um domínio-fonte, o da Medicina, e um domínio-alvo, o da Economia. Essas relações costumam ser estabelecidas por ser o domínio-fonte mais conhecido pelo falante, que, por meio dele, passa a compreender o domínio-alvo. Desse modo, o falante vai interpretando os conceitos econômicos por meio dos conceitos da Medicina que lhe são apresentados e com os quais tem mais familiaridade.

Sardinha, na mencionada obra, enfatiza também que, nessa teoria, *metáfora* constitui um sinônimo de *metáfora conceptual*, sendo abstrata e constituindo uma representação mental. Assim, a origem da metáfora não é linguística; ao contrário, deve ser buscada no sistema conceptual, pois é ele que dá conta de como categorizamos o mundo. Esse processo de conceptualização é manifestado linguisticamente, dando origem a expressões metafóricas, salientando-se que uma mesma metáfora conceptual pode originar várias expressões metafóricas. Ainda segundo o mencionado autor:

As metáforas conceptuais ‘licenciam’ ou ‘motivam’ as expressões metafóricas. Sem esse licenciamento ou motivação, as expressões metafóricas não teriam sentido imediato, aparente. Por exemplo, poderíamos inventar uma expressão metafórica como ‘ele está subindo na árvore’ para significar a metáfora conceptual BOM É PARA CIMA. Mas como essa expressão não está licenciada pela metáfora conceptual, a expressão perde o sentido desejado, sendo provavelmente interpretável de modo literal (alguém estaria literalmente subindo numa árvore). (Sardinha, 2007, p. 33)

Dentre as metáforas conceptuais, estudaremos as metáforas estruturais, que se referem às situações resultantes de mapeamentos complexos, em que um conceito se estrutura em termos de outro conceito. Os mapeamentos revelam as relações estabelecidas entre domínios, que são representados por uma área do conhecimento ou por uma experiência humana. Assim, neste trabalho, abordamos o mapeamento do domínio da Medicina para o domínio da Economia, a primeira ciência sendo o domínio-fonte e a segunda o domínio-alvo.

⁷ No âmbito dos estudos de metáforas conceptuais, convencionou-se designá-las em caixa alta.

Desse modo, as denominações da crise econômica mundial manifestadas pelas metáforas, aqui estudadas, representam o domínio da Medicina transposto para o domínio da Economia.

Em sua análise sobre esse tema na imprensa portuguesa, Silva (2013) assim descreve essa relação da crise econômica com uma doença:

O modelo cognitivo da doença é um dos mais produtivos e eficazes na conceptualização da crise financeira e económica. Praticamente todos os estádios e componentes do cenário experiencial e vários do cenário médico da doença são utilizados na comunicação jornalística da crise. Todos sabemos, no que diz respeito a dinheiro e produção de riqueza, que vivemos e continuaremos a viver um longo processo de dor, sofrimento, agonia, que culminará na recuperação ou na morte do sistema financeiro e económico mundial. (Silva, 2013, p. 15)

4.2.1 As denominações da crise econômica mundial

O termo *crise*, segundo o *Grande dicionário Houaiss Beta da língua portuguesa*, em suas primeiras acepções já manifesta relações com a Medicina:

1 hist.med segundo antigas concepções, o 7º, 14º, 21º ou 28º dia que, na evolução de uma doença, constituía o momento decisivo para a cura ou para a morte p.opos. a lise

1.1 med o momento que define a evolução de uma doença para a cura ou para a morte

2 med dor paroxística, com distúrbio funcional em um órgão

A etimologia desse termo, de acordo com a mesma obra, remonta ao “lat. *crisis, is* ‘momento de decisão, de mudança súbita, crise (us. esp. acp. MED)’, do gr. *krísis, es* ‘ação ou faculdade de distinguir, decisão’ p.ext. ‘momento decisivo, difícil’, der. do v. gr. *krín* ‘separar, decidir, julgar’”. O mesmo dicionário atesta que, já no latim, ocorria a acepção “momento decisivo na doença” e, ainda, que, a partir do século XIX, a unidade lexical passa a ser empregada também na acepção econômica. Atesta ainda o dicionário que, no português, essa palavra é empregada desde o século XVIII.

Constata-se, assim, que o emprego metafórico da unidade lexical *crise* é bastante antigo na terminologia da Economia.

Em função desse longo emprego metafórico de *crise* na terminologia da Economia, podemos considerar esse termo como uma das metáforas mortas ou lexicalizadas, ou seja, aquelas que “formam parte dos clichés da língua” e que se opõem às metáforas dinâmicas, originais, inéditas. (cf. Ramacciotti, 2008, p. 151)

No entanto, ainda que o emprego metafórico do termo *crise* não seja inédito nem novo, seu uso é constante em textos contemporâneos da Economia.

Tem denominado diferentes crises econômicas mundiais e brasileiras, assim como tem recebido diferentes denominações, muitas delas figuradas:

Desde a afirmação de sua supremacia, em meados dos anos 80, os mercados financeiros foram palco de uma sucessão de **episódios críticos**. Entre eles, estão o “**crash**” das Bolsas de Valores em 1987, a **derrocada** dos mercados imobiliários em 1989, o **colapso** da Bolsa de Tóquio em janeiro de 1990, os **ataques especulativos** às moedas fracas do SME em 1992 e em 1993, a **crise** no mercado americano de bônus em meados de 1994 e a **crise mexicana** de dezembro do mesmo ano. Isso para não falar da **crise asiática** de 1997-98, no **default russo** de 1998, na **operação de resgate** do LCTM no mesmo ano e na **tragédia argentina** de 2001. Os **desastres** só não tiveram maior alcance por conta das intervenções de última instância dos bancos centrais mais poderosos. (FSP, 23-11-03, Luiz Gonzaga Belluzzo)

Apesar de seu emprego constante ao longo de várias décadas, essa unidade lexical continua bastante atual e apresenta o maior número de ocorrências para designar as situações econômicas problemáticas. Os dados do *corpus* estudado registram que, excetuando-se as palavras gramaticais, *crise* ocupa a terceira posição dentre as palavras lexicais (12.462), sendo *mercado* (14 348) e *governo* (13 817) as que ocupam, respectivamente, a primeira e a segunda posições.

As concordâncias obtidas com a exploração do Programa Wordsmith Tools 6.0 mostram que o termo sintagmático mais frequente é *crise financeira*, com 830 (oitocentas e trinta) ocorrências. O termo *crise econômica*, cujo conceito é mais

amplo e genérico do que o de *crise financeira*, apresenta 694 (seiscentas e noventa e quatro) ocorrências.

Sandroni (1999, p. 142) define *crise econômica* como “Perturbação na vida econômica, atribuída pela economia clássica a um desequilíbrio entre produção e consumo, localizado em setores isolados da produção”. Explica esse economista que as crises, causadas por diferentes fenômenos, podem afetar o conjunto da economia e correspondem a uma fase regular do ciclo econômico.

A seguir, expomos algumas variantes desse termo sintagmático, com suas respectivas frequências, que apresentam expansões adjetivais que caracterizam a crise em sua dimensão espacial (*mundial, internacional, global, americana*) e temporal (*atual*) e expansões por meio de sintagmas preposicionais, que representam um aspecto temporal (*de 2008*) ou espacial (*na Europa*):

Tabela 2 – Variantes do termo *crise econômica* e suas respectivas frequências

Variante	Frequência	Variante	Frequência
crise econômica mundial	47	crise econômica na Europa	6
crise econômica internacional	31	crise econômica atual	5
crise econômica global	27	crise econômica americana	3
crise econômica de 2008	8		

Dois excertos extraídos do *corpus* estudado contextualizam o emprego de *crise econômica* e de *crise econômica mundial*:

Sobre a **crise econômica** que ainda persiste na Europa, Magda avalia que esse deve ser mais um bom motivo para que os investidores se voltem para o Brasil, tendo em vista a sua rentabilidade potencial. <OG_01/03/2013_31_ECO_OSWALD VIVIAN>

Intitulado “Todo Esse Brilho Pode Não ser Ouro”, o relatório tenta desconstruir o conceito de que “desta vez é diferente” para a América Latina, dizendo que uma **crise econômica mundial** detonada a partir dos calotes de hipotecas nos EUA poderá repetir na região os estragos de situações anteriores, como a crise da Rússia em 1998. <FSP_04/04/2008_MER_DANIEL BERGAMASCO>

Uma crise financeira pode ser definida como uma “situação que reflete um desequilíbrio entre a receita e a despesa de uma entidade” (Alves (Coord.), 2001, p. 29) e pode ser caracterizada como uma crise bancária, da dívida, do câmbio...

Apresentamos as variantes mais frequentes do termo *crise financeira* no *corpus* analisado:

Tabela 3 – Variantes do termo *crise financeira* e suas respectivas frequências

Variante	Frequência	Variante	Frequência
crise financeira internacional	216	crise financeira de 2008	67
crise financeira global	173	crise financeira na economia	07
crise financeira mundial	114	crise financeira atual	07

A seguir, contextualizamos ocorrências de *crise financeira* e *crise financeira internacional*, extraídas do *corpus* estudado:

O atual tumulto nos mercados certamente se originou de um problema econômico “real” e muito tangível: o fato de que alguns domicílios americanos, em **crise financeira**, não conseguiram manter em dia os pagamentos de suas hipotecas. Mas nas últimas semanas essa crise real gerou drama em esferas esotéricas e povoadas de acrônimos como o setor de SIV (special investment vehicles, ou veículos especiais de investimento). E a grande questão, agora, é determinar se a **crise financeira** vai se expandir à economia mais ampla. <FSP_17/08/2007_MER_ CHRIS GILES_GILLIAN TETT>

Por outro lado, um dia depois de o ex-presidente Lula, na estreia de sua atividade de palestrante internacional a R\$200 mil por apresentação, ter rebatido as críticas que recebeu por ter dito que a **crise financeira internacional** seria “uma marolinha” no Brasil, os dados econômicos mostram que, ao contrário, o Brasil foi dos países mais afetados pela crise em todo o mundo. <OG_04/03/2011_4_OPA_PEREIRA MERVAL>

Outras denominações da crise econômica mundial expressam, mais explicitamente, um emprego metafórico e constituem expressões metafóricas, segundo a terminologia de Lakoff e Johnson, exposta em 4.2.

O termo médico *colapso*, que o dicionário Houaiss (2012) define, em sua primeira acepção, como “1 pat estado semelhante ao choque, caracterizado por prostração extrema, grande perda de líquido, acompanhado ger. de insuficiência cardíaca”, revela, em emprego metafórico, um estado mais agudo da doença representada pela crise econômica. O *corpus* que estudamos apresenta 436 (quatrocentas e trinta e seis) ocorrências da unidade lexical *colapso*, muitas delas constituindo termos sintagmáticos dentre os quais apresentamos os mais frequentes na tabela seguinte. Dentre esses termos, contextualizamos *colapso financeiro* e *colapso do Lehman Brothers*:

Tabela 4 – Variantes do termo *colapso* em sintagmas nominais e suas respectivas frequências

Variante	Frequência	Variante	Frequência
colapso financeiro	20	colapso do sistema bancário	05
colapso do Lehman Brothers	14	colapso do mercado imobiliário	04
colapso do sistema financeiro	10	colapso cambial	03
colapso econômico	10	colapso mundial	03
colapso da economia	06	colapso das hipotecas	02

Colapso representa a crise econômica em um estágio mais grave, como se observa nos excertos do *corpus*:

Há um perigo iminente na Europa central e oriental. A possibilidade de um **colapso financeiro** na região é a mais urgente questão de política que a União Europeia precisa enfrentar. <FSP_27/02/2009_MER_WOLFGANG MÜNCHAU_T_PAULO MIGLIACCI>

O gerenciamento de uma moratória não será fácil nem isento de riscos. Os políticos vivem com o peso do **colapso do Lehman Brothers**. Com razão. Não pode haver garantia de que o efeito de um desconto contábil de, digamos, 50% ou 60% na dívida da Grécia possa ser perfeitamente contido. <VE_07/10/2011_0_OPI_STEPHENS_PHILIP>

Observa-se, no contexto a seguir, o emprego do substantivo *colapso* e do verbo *colapsar*, o que evidencia que também a classe dos verbos apresenta referências à crise econômica:

A crítica que muitos fazem ao BC é que ele teria errado ao manter inalterada a Selic durante o último trimestre de 2008, apesar do **colapso** do nível de atividade. Há, contudo, que se lembrar que a taxa de câmbio elevou-se significativamente, com o dólar chegando a beirar os R\$ 2,50. O real depreciou-se 62% em relação ao dólar, entre agosto e dezembro de 2008. O impacto inflacionário da depreciação cambial só não foi maior porque os preços das commodities, em dólar, **colapsaram**, o que ora não está ocorrendo, como mostra o Gráfico 2. <VE_16/09/2011_0_OPI_GARCIA_MARCIO>

Outra forma de denominar a crise econômica transparece com o emprego do termo *estresse*, forma adaptada ao português do inglês *stress*. Com 89 (oitenta e nove) ocorrências no *corpus*, o termo *estresse* implica, etimologicamente, “‘tensão’, na acp. de ‘distúrbio fisiológico ou psicológico causado por circunstância adversa’” (Houaiss, 2012). Compõe o termo sintagmático *estresse financeiro*, com quatro ocorrências, uma das quais transparece no excerto a seguir:

Em estudo divulgado ontem, o Fundo Monetário Internacional (FMI) afirmou que a recessão está batendo às portas dos EUA e advertiu que, se as medidas urgentes e abrangentes demorarem para ser adotadas, a fase seguinte da atual crise financeira será mais dura e prolongada. “Reduções da atividade econômica e recessões precedidas por **estresse** relacionado ao sistema bancário tendem a durar mais e serem associados à maior média de perdas do PIB (Produto Interno Bruto) do que as que são precedidas por outros tipos de **estresse financeiro**”, diz um trecho do documento. <OG_03/10/2008_33_ECO_PASSOS JOS+ MEIRELLES>

A crise econômica mundial é também comparada a outros problemas graves de saúde que podem atingir um ser humano.

Uma forma de estagnação das atividades econômicas pode ser representada por uma *paralisia*, com 49 (quarenta e nove) ocorrências, que implica a “perda da capacidade de movimento voluntário de um músculo, originada por problema neurológico” (Houaiss, 2012):

O mercado, que vivia as tensões decorrentes da queda das Bolsas mundiais e da **paralisia dos mercados de crédito** no Primeiro Mundo, sofreu um novo abalo com a queda das cotações das moedas em relação ao dólar. <FSP_30/10/2008_MER_LUIZ CARLOS MENDONÇA DE BARROS>

Uma *parada cardíaca* (duas ocorrências), que também implica uma estagnação, é definida como a “interrupção repentina do funcionamento do coração que pode causar lesão cerebral irreversível caso se prolongue por mais de três minutos” (Houaiss, 2012). Pode também provocar consequências irreversíveis no sistema financeiro mundial ou de um país:

Abandonar a periferia europeia à própria sorte representaria um risco de contágio que poderia condenar o euro, enquanto a Grécia enfrentaria custos incalculáveis se se retirasse da moeda única, a começar do colapso de seus bancos, da evasão de capital e do calote em contratos do setor privado denominados em euros. “Na situação ruim em que a economia grega ficou nos últimos quatro de um período de cinco anos, isso representaria uma **parada cardíaca**”, disse Kirkegaard. <VE_23/08/2013_FIN_ Alan Wheatley, Martin Santa>

A *asfixia* (oito ocorrências) implica também uma forma de estagnação total ou parcial, pois pode provocar dificuldade ou impossibilidade de respirar, seja sob forma nominal ou como forma verbal (*asfixiar*):

De meados de 2007 até abril, o BC americano cortou os juros em mais de 60% e rolou US\$ 1 trilhão de créditos barateados e facilitados a fim de evitar falências bancárias e a **asfixia do crédito**, que, no entanto, ainda sofre de falta de ar. <FSP_13/06/2008_MER_VINICIUS TORRES FREIRE>

Os portugueses já perceberam que a política da austeridade excessiva não leva a lado nenhum, **asfixia a economia** e levanta gravíssimos problemas sociais, a começar pelo desemprego galopante. <VE_28/09/2012_0_CUL>

4.2.2 Os aspectos doentios da crise econômica mundial

Além das denominações da crise econômica mundial, o *corpus* coletado apresenta muitas expressões metafóricas que estabelecem a relação entre Economia e Medicina, entre essa crise e uma doença. Esse mesmo fato é constatado por Silva (2013, p. 5), em relação à imprensa portuguesa, que relata que o modelo cognitivo da doença (CRISE É DOENÇA) é um dos mais produtivos e eficazes para referir-se a essa crise, juntamente com as perturbações atmosféricas e geofísicas e a guerra.

Essas expressões metafóricas representam candidatos a termos, que, quando apresentam empregos reiterados, podem ser considerados termos neológicos. Uma parte dessas expressões apresenta uma única ocorrência (*bápax legomena*). Apesar do número restrito de ocorrências, tornam-se relevantes por representarem as diferentes possibilidades de denominação dos conceitos econômicos.

Assim, observamos que a crise provoca perda de nutrientes necessários à economia por meio de *sangrias* e *hemorragias*:

Grandes bancos europeus estão sob suspeita. O restante do mundo desacelera também. O ciclo vicioso seguirá ainda mais veloz enquanto não se der solução à **sangria grega** e à da banca europeia. <FSP_23/09/2011_A2_OPI_EDITORIAL>

O presidente eleito do governo espanhol, Mariano Rajoy, defendeu ontem medidas que “estancem a **hemorragia da dívida**”, aludindo a uma ação imediata do Banco Central Europeu (BCE), na linha inversa do que deseja Merkel. Já o presidente da Comissão Europeia, José Manuel Durão Barroso, defendeu uma solução em bloco: europeias. <OG_09/12/2011_31_ECO>

A crise é tratada como um ser doente, que tem necessidade de cuidados. Recebe *remédios* e até mesmo *antídotos* para ser curada:

O problema, diz Katainen, não é somente a crise da dívida, mas um déficit de competitividade de parte da Europa. “Uma das razões dessa crise é o grande desnível de competitividade entre os países. O **remédio** é muito simples: é preciso elevar a competitividade.”

<VE_17/02/2012_0_INT_SACCOMANDI_HUMBERTO>

É bem provável que os **antídotos** concebidos pela União Europeia no seu processo de integração venham a funcionar. Mas desta crise ficará uma lição: déficits públicos somente são financiáveis se o mercado estiver convencido de que a economia que os lastreia tem capacidade efetiva de reação. O mais prudente é, sempre, buscar o equilíbrio nas finanças governamentais.

<OG_07/05/2010_06_OPI>

A doença da crise pode *alastrar-se*, como um vírus, e expandir-se sob forma de *contaminação* ou *contágio*:

No entanto, os mercados vêm reagindo negativamente pelo temor de **contaminação**. Com receio de que a crise **se alastre** e atinja, mais uma vez, a saúde do sistema financeiro internacional, as bolsas despencaram.

<OG_07/05/2010_6_OPI>

A incapacidade de lidar com a Grécia enfraqueceu o restante da zona do euro, viu o **contágio se alastrar** até a Itália e expôs a fragilidade dos bancos franceses e alemães.

<VE_07/10/2011_0_OPI_STEPHENS_PHILIP>

As vítimas da crise, indivíduos ou agências financeiras, necessitam de socorro e de serem socorridas para saírem de sua situação crítica. **Programas de socorro** ou **de salvamento**, também denominados **pronto-socorros financeiros**, são utilizados para cumprirem essa finalidade:

Bush divulga plano de **socorro** para mutuários. O presidente dos Estados Unidos, George W. Bush, anunciou ontem um plano para **socorrer** os mutuários e evitar uma nova onda de execuções imobiliárias. <OG_07/05/2010_6_OPI>

RECENTEMENTE, um jornalista me perguntou como se poderia avaliar, do ponto de vista ético, os **programas de salvamento** de intermediários financeiros. O que justificaria usar bilhões - agora trilhões - de dólares dos contribuintes para resgatar instituições bancárias que perderam fortunas com operações especulativas./.../ Portanto, é a defesa das economias dos milhões de poupadores, a esmagadora maioria composta de pessoas que absolutamente não especularam, que justifica eticamente os **programas de socorro** aos bancos e outras agências financeiras que realizaram fracassadas operações de alto risco. <FSP_24/10/2008_OPI_ANDRÉ FRANCO MONTORO FILHO>

Autoridades da UE temiam que a concessão de muita flexibilidade nas regras de ressarcimento permitiria aos países ricos usar dinheiro público em **socorros financeiros**, enquanto os menores e mais pobres não teriam opção, a não ser impor perdas aos credores, incluindo aos depositantes, como foi o caso de Chipre. /.../ Pela reforma, os estados terão de elevar os **fundos de socorro** e garantia via impostos dos bancos, que deverão chegar a 1,3% dos depósitos garantidos. <VE_28/06/2013_FIN_ Alex Barker>

A recuperação da economia e dos mercados representa a saída dessa crise econômica e a volta a uma situação de normalidade:

Também por não perceberem quão anêmica era a **recuperação da crise**. Os americanos, por levarem pânico a uma **economia** que, embora de modo medíocre, **se recuperava** - foi o caso do impasse parlamentar que quase levou os EUA à inadimplência. <FSP_23/09/2011_A2_OPI_EDITORIAL>

Há vários motivos que explicam essa **recuperação dos mercados** ontem - as Bolsas da Europa, dos Estados

Unidos e dos países emergentes também fecharam em alta. Entre eles, a queda dos juros promovida pelo Fed, o banco central americano, o pacote fiscal do governo americano para reanimar a economia e a ajuda dos bancos para as seguradoras em dificuldades. <FSP_25/01/2008_MER_GUILHERME BARROS>

Impulsionados pelos juros mais baixos da história para o financiamento imobiliário, a construção civil provavelmente manterá o passo em 2013, continuando a **recuperar-se** da pior queda desde a Grande Depressão. Consumidores, amparados por um mercado de trabalho firme, devem ir às compras, ainda que o debate sobre o Orçamento no Congresso leve a uma maior oneração das folhas de pagamento. “O setor imobiliário continua claramente a ser um dos pontos altos em uma história de **recuperação econômica** que poderia ser lenta e sombria”, disse Anika Khan, economista-sênior da Wells Fargo Securities LLC. <VE_18/01/2013_INT_Agências internacionais>

Conforme observamos em 4.2.1, em que nos referimos ao uso do verbo *colapsar*, outros exemplos apresentados nesta seção evidenciam que, além dos nomes substantivos metafóricos, ações verbais também são expressas metaforicamente - por meio de verbos como *alastrar-se*, *contaminar*, *recuperar-se* e *socorrer* - e, assim, também contribuem para a compreensão dos fenômenos econômicos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O *corpus* estudado revelou-se extremamente rico e apresenta outras denominações de crise, representativas de crise econômica ou de crise financeira, que não estudamos, a exemplo de *crise da dívida*, *crise do subprime*, *crise imobiliária*, *crise do câmbio* e *crise monetária*. Nosso estudo enfatizou algumas denominações, de caráter metafórico, que revelam o cruzamento entre duas ciências, a Medicina e a Economia.

Nesse estudo, pudemos constatar que o emprego de metáforas da Medicina, empregadas na Economia, são numerosas e tratam a crise econômica mundial como uma doença. Referem-se sobretudo a descrever a própria crise econômica, mostrando diferentes fases: a crise econômica como um colapso,

uma parada cardíaca, uma hemorragia; os cuidados ministrados para atenuarem seus efeitos; os perigos de sua expansão por meio de contaminações ou contágios; a atenuação de seus efeitos e as tentativas de recuperação.

Esses empregos metafóricos são comuns na área médica, conforme afirma Gutiérrez Rodilla (2004, p. 25), médica e estudiosa da terminologia da Medicina: “/.../ o médico, como todos os cientistas, sempre construiu com base em metáforas muitas de suas explicações”⁸. Para essa pesquisadora, a explicitação de fatos científicos já constitui, normalmente, uma metáfora.

O estudo permitiu-nos também observar a importância de que se reveste a metáfora conceptual no discurso jornalístico dirigido a um público leigo. Explicando complexos conceitos da Economia por meio de termos usuais da Medicina, a metáfora conceptual capta a atenção do leitor não especializado e leva-o a compreender esses conceitos. Não raro, como salienta Silva (2013, p. 3), a metáfora conceptual chega mesmo a impor a esse leitor, de acordo com as escolhas terminológicas, uma determinada forma de pensar ou de agir. Assim, um mesmo fato pode ser denominado *crise*, *colapso* ou *síncope*, de acordo com as intenções e os efeitos desejados.

Concluímos este estudo enfatizando que o *corpus* jornalístico coletado e estudado no âmbito do Projeto *Valores culturais e didáticos na metáfora de especialidade: as múltiplas imagens da crise econômica mundial na imprensa escrita* apresenta muitas possibilidades de análise. Ao apresentarmos alguns neologismos que entrelaçam a terminologia da Economia com a Medicina, analisamos apenas algumas facetas das ricas relações que a Economia estabelece com outras ciências, o que estimula e enseja a realização de futuros trabalhos.

REFERÊNCIAS

Alves IM. Terminologies dans un corpus journalistique du portugais brésilien. In: Oliveira I (Org.). Terminologie, traduction et rédaction technique. Des ponts entre le français et le portugais. Limoges: Editions Lambert-Lucas; 2014.

Alves IM. Em torno de um jargão técnico: o economês. In: Urbano H, Dias AR, Leite MQ, Silva LA, Galembeck PT (Orgs.). Dino Preti e seus temas: oralidade, literatura, mídia e ensino. São Paulo: Cortez; 2001.

⁸ “/.../ el médico, como todos los científicos, siempre ha construido a base de metáforas muchas de sus explicaciones”.

Alves IM (Coord.). Glossário de termos neológicos da economia. Cadernos de Terminologia 3. 2a ed. São Paulo: Humanitas/Citrat; 2001.

Canolla C. As metáforas da produção: reflexões sobre o discurso de operárias. D.E.L.T.A., 2000;16(1):55-82.

Charteris-Black J, Ennis T. A comparative study of metaphor in Spanish and English financial reporting. English for special purposes, 2001;20:249-66.

Galanes Santos I, Alves IM. Metodología de trabajo para el estudio de las múltiples imágenes de la crisis económica en la prensa escrita. In: Gallego-Hernández D (ed.). Current approaches to business and institutional translation. Berna: Peter Lang; 2015.

Gutiérrez Rodilla B. Entre el mito y el logos: la medicina y sus formas de expresión. In: Cabré MT, Estopà R. Objetividad científica y lenguaje: la terminología de las ciencias de la salud. Barcelona: Edicions a Petició, SL; 2004.

Houaiss A, Villar M. Grande dicionário Houaiss βeta da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Instituto Antônio Houaiss; 2012. Disponível em: <http://houaiss.uol.com.br/> Acesso em: 25 jan.2016.

Kocourek R. La langue française de la technique et de la science. 2è. éd. Wiesbaden: Brandstetter Verlag; 1991.

Lakoff G, Johnson ML. As metáforas da vida cotidiana. Trad. de Mara Sophia Zanotto et al. Campinas/São Paulo: Mercado de Letras/EDUC; 2002.

Neves MHM. Gramática de usos do português. São Paulo: Editora UNESP; 2000.

Oliveira I. L'impact de la métaphore dans le processus de créativité. In: Alves IM, Pereira ES (Orgs.). Neologia das línguas românicas. São Paulo: Humanitas; 2015.

Oliveira LP. Aspectos linguísticos, comunicativos e cognitivos das metáforas terminológicas: uma análise baseada em um corpus da Genética Molecular. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa). 2011. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo; 2011.

Ramacciotti SB. La metáfora como elemento constitutivo del discurso económico. Una aproximación desde el análisis de texto. In: Cabré MT, Bach C, Tebé C. Literalidad y dinamicidad en el discurso económico. Barcelona: Institut Universitari de Lingüística Aplicada; 2008.

Ramacciotti SB, Rodil MV. Economics glossary of metaphorical usage. Glosario económico-financiero. Uso metafórico de voces. Buenos Aires: Quorum / Universidad del Museo Social Argentino; 2006.

Sandroni P (Org. e supervisor). Novíssimo dicionário de Economia. São Paulo: Editora Best Seller; 1999.

Sardinha TB. Metáfora. São Paulo: Parábola; 2007.

Silva AS. O que sabemos sobre a crise económica, pela metáfora. Conceptualizações metafóricas da crise na imprensa portuguesa. Revista Media & Jornalismo. Número temático “Crise, Memória e Esquecimento”. 2013;22(1):11-34.

Taghin S. A identificação de equivalentes tradutórios em corpora comparáveis. In: Anais do I Congresso Internacional da ABRAPUI. Belo Horizonte, 3 a 6 de junho de 2007. Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/dlm/comet>. Acesso em: 25 jan.2016.

Recebido em: 23/06/2016

Aceito em: 06/08/2016